

URBANO DEMASIADO URBANO: deslocamentos de crianças entre o direito à cidade e a urbanidade contemporânea

CAROLINA MESQUITA CLASEN¹; EDUARDO ROCHA²

¹Universidade Federal de Pelotas- carolina.mescla@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Experiências da galeria de arte, trajetos antes e depois da visita dos espectadores que apresentam corporalidades para o urbanismo contemporâneo. Antes do espaço público a escola: vigília e punição. O objetivo: compreender a malha urbana a partir dos corpos em deslocamento. A referência comportamental para os corpos em constante crescente das crianças de até 12 anos é a estrutura escolar: processos homogeneizantes de tempo-espacó. A crise urbana é uma rachadura quase que existencial das relações em espaços que materializam a homogeneidade buscada através da educação para a produção capitalista. O que a corpografia inscreve na pele é o que resiste e reside na estrutura da cidade.

Para ressignificar e recriar espacialmente a cidade pública com a gestualidade destes corpos em devir-criança, em agenciamento direto com o direito à cidade. Especificamente, inverter o enunciado de uma experiência urbana que participa da formação da criança e transformá-lo, para que a criança faça parte da formação do que é público. Com os planejamentos das cidades pelo urbanismo, que não tocam este espaço-tempo contemporâneo, a cidade cada vez mais é centralizada por uma gestão atrelada a interesses financeiros e esmaga as relações e seus desdobramentos heterogêneos, desfazendo-se em seu sentido de espacialidade.

Em Henri Lefebvre, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Paola Jacques, Vinicius Netto e Ana Fani Carlos tecerei esta malha do entre e intra-lugares com o objetivo de corporificar os espaços urbanos, discutindo instrumentos de planejamento para a composição do uso do espaço público.

2. METODOLOGIA

Paola Jacques, urbanista, cartógrafa e corpógrafa, parte da espetacularização das cidades para percepções corporais em micro-resistências urbanas. A fim de perceber esta gestualidade resistente, denomina a cartografia inscrita no corpo: corpografias urbanas. A escolha da corpografia como metodologia está no entendimento destes corpos escolarizados que quando na rua não estão apenas a caminho de um destino, mas em resistência direta como autoafirmação cidadã e ativa na construção das cidades.

Sendo a urbanização um importante mecanismo de mediação das relações, a corpografia percebe estes movimentos coexistentes deste espaço maior, não apenas um corpo intra-urbano, mas demasiado urbano. Em Deleuze (1997), o trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem o espaço urbano, mas com a subjetividade do próprio meio, já que ele é um reflexo dos transeuntes. O ato quase involuntário, o caminhar, corresponde ao principal procedimento para estas corpografias como dispositivo, traduzindo as formas de atuação do estado para o espaço urbano.

Outro componente metodológico é a abordagem e acolhida do Grupo Patafísica (Cearte/UFPel), que atua na ação educativa da galeria de arte do mesmo Centro. Os mediadores experienciam os mais diversos enunciados corpóreos, desconstruindo a transmissão de conhecimento, hierárquica e polarizada, potencializando este corpo em devir para a apropriação crítica da partilha sensível da arte. Para o encontro na galeria de arte além do público espontâneo, o grupo faz agendamento e acompanhamento destes deslocamentos das escolas geograficamente próximas da Galeria, localizada na Rua Alberto Rosa. Estas escolas são públicas e privadas: Escola Estadual Ensino Fundamental Brusque Filho, E. E. E. Médio Féliz da Cunha, E. Municipal E. F. Sagrado Coração de Jesus, E. E. F. Castro Alves, Colégio São José.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de experiências já realizadas em exposições de arte com as escolas citadas, pode-se aproximar dos referenciais teóricos os deslocamentos experimenatais prévios no espaço público com as crianças, obtendo o recorte da idade por atentar a um olhar menos viciado. O acolhimento e a corpografia como metodologias para as caminhadas emancipam realidades em suas peculiaridades sociais, permitindo uma compreensão da produção de individualidade através da noção de repressão ainda muito presentes nas galerias de arte e nos lugares públicos no geral.

As relações da criança no espaço delimitado por instituições de arte e de educação estão pautadas em discursos impositivos, verticalizados a partir enunciações da lógica binária do Estado, a perceber-se sob os aspectos urbanos e educativos. O devir é a possibilidade de interpenetração, de apropriação dos instantes. Sendo, neste caso, o mote para as outras percepções de planejamento flexíveis e em escala humana, por isso estudar o deslocamento no espaço urbano partindo do espaço escola. Como ação direta da expropriação projétil moderna, a contemporaneidade é uma dada composição esquizofrênica do egoísmo e a alteridade. Contra o discurso saudosista de que "antigamente costumava ser melhor", o contemporâneo já desconstrói o controle excessivo e por isso reafirmar o devir-criança, para discutir a qualificação da experiência urbana partindo de uma postura menos censurada. Esta censura se acirra ao longo dos anos no corpo biológico.

Por suas posturas ético-ideológicas de estratificação do ser através da materialidade urbanista, o *valor de uso* (LEFEBVRE, 1960) requer devir-criança (DELEUZE, 2001) que por extensão, por derivação, resconstroi a urbanidade propondo lapsos da normalização capitalista. O devir está subentendido no trajeto assim como os gestos estão delineados pelas afetações urbanas.

Esta dinâmica da corporalidade infantil, percebidamente está docilizada (FOUCAULT, 2010) ao longo do tempo; quando a partitura de movimentos do espaço público é mais primitiva e própria de cada corpo, mas nos espaços de educação há uma receita de convivência. A identificação da leveza deste corpo da criança em devir, em descoberta, em inventividade se dá pelo contraste com a chegada a outro espaço de construção histórica hierárquica: a galeria de arte. Com os braços junto ao corpo, o silêncio invade os visitantes e o que há instantes era passeio vira marcha fúnebre. São estas estruturas comportamentais que a rua mesmo que reafirme a hierarquia, deixa brechas, pois além de ser meio é

condição de relação. Dadas as espacialidades, o entre-lugar carrega em si um quase que deixa de ser imperativo como os dois pontos extremos do itinerário porque estes perceptores estão em trânsito e são corpos em constante negociação e reafirmação antes de si, condição que lhes é negada.

4. CONCLUSÕES

Inicialmente estes deslocamentos permitem um acesso à corporalidades, ações intrínsecas ao organismo vivo, ao vívido urbano. A urbanidade às avessas demonstra que o direito à cidade é senão o direito à coexistência, ao reconhecimento de si no pluralismo da cidade; onde morfologia urbana mais do que constituir a mobilidade destas vivências deve ser constituída dela, para que os territórios sejam discutidos para além do espaço-mercadoria.

As situações urbanas mesmo que estabeleçam diferenças contextuais entre si no decorrer do tempo, possuem maturação constante, o que não define um significante último para certa delimitação espacial. Uma efemeridade que nos convida a participação, diferente do que propõe o princípio característico do espetáculo criticado na sociedade moderna por Lefebvre (1960), também em Debord (1957). A urbanidade não é secundária mesmo se considerada sob os vetores capitalistas. O cotidiano do capital é reproduzido como desigualdade, nas e pelas desigualdades sociais - sendo este outro necessário e constitutivo do seu inverso (CARLOS, 2015). A pesquisa está em andamento e as mediações já acompanhadas apontam práticas cotidianas infantis que esta urbanidade ainda quer ser em seu sentido primeiro, de uma cordialidade urbana. Convivendo no devir-criança, me foi demonstrado este gesto primitivo, mesmo que o prevalecimento seja da rua como espaço de circulação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Douglas; NETTO, Vinicius. **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Crise Urbana**. São Paulo: Contexto, 2015.
- DELEUZE, G. (1997). O que as crianças dizem? Em G. Deleuze (Org.), **Crítica e clínica** (pp. 73-79). Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 38 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- JACQUES, Paola. Arquitextos. **Corpografias Urbanas**, Vitruvios Revista Digital, 8 fev 2008 São Paulo.
Acessado em 8 julho. 2016. Online. Disponível em:
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>
- LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. 1ª ed. São Paulo: Moraes, 1991.